

Resenha

Critical Landscapes: art, space, and politics

Maryella Gonçalves Sobrinho

Instituto Federal de Goiás (IFG)

Doutoranda pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Ainda sem tradução para o português, a obra reúne um conjunto de reflexões que problematizam proposições artísticas que discutem o uso político da paisagem. Esta, é abordada como o resultado das complexas relações sociais e econômicas contemporâneas. Os projetos e textos catalogados (alguns escritos pelos próprios artistas) partem do ponto de vista norte americano; porém, também incorporam referências teóricas e análises de práticas que ocorrem ao redor do mundo, em âmbito local ou regional.

Os autores buscam responder a diversas questões: “de que formas a terra, formada ao longo do tempo geológico, também contemporâneo, é formada pelas condições do presente?”, “como o ambiente e as estruturas econômicas estão relacionadas?”, “como a arte pode estimular maneiras mais sutis de pensamento e sobre a interação com a terra?” e “como a arte pode contribuir para a expansão da justiça espacial e ambiental?” (p.16). Nota-se nestas inquietações que o termo “terra” substitui em muitos momentos o termo “paisagem”. A substituição é justificada pelo caráter político atrelado ao “valor de uso” da terra, por razões práticas e ideológicas. Embora se reconheça o peso que o conceito de “paisagem” tenha na História da Arte, os problemas de representação são abordados de maneira diversa dos modos de representação paisagística tradicional.

Assim, o conceito de *landscape* (paisagem) é retomado no sentido etimológico, que origina do holandês *landschap*. A este está atrelada a idéia de “mútua formação e modelagem da terra e do homem”, noção da qual a história se distanciou pela confusão conceitual notada pelo antropólogo Tim Ingold. (p.19) O enfoque na representação pictórica privilegiou a ideia do “olhar” em detrimento das práticas habituais de manuseio da terra, características de uma comunidade agrária.

Os trabalhos versados em *Critical Landscapes* evidenciam o status econômico, social, político da terra, em vez de somente contemplar preocupações formais e descritivas dos territórios.

Outro conceito-chave é “geografia experimental”, proposto pelo artista e geógrafo Trevor Paglen em 2002. Paglen o descreve como um conjunto de “práticas que assumem a produção do espaço de forma auto-reflexiva”. (p.78). Pode ser considerado também um modo operativo: “significa não apenas ver a produção do espaço como uma condição ontológica, mas também experimentar ativamente a produção do espaço como parte integrante de sua própria prática.” (p.78). Este pensamento tem como ponto de partida duas referências teóricas fundamentais a todos autores do livro: o filósofo e sociólogo marxista Henri Lefebvre e de Rosalyn Deutsche, professora de história da arte e doutora em Teoria Urbana. O primeiro, cuja obra de maior impacto é *A produção do espaço* (1974), teoriza o espaço como produto das relações e processos sociais sob a égide do capitalismo. Já Deutsche aborda a inseparabilidade do espaço das relações sociais e desiguais que estruturam as sociedades.

As organizadoras do livro, Emily Eliza Scott¹ e Kirsten Swenson², destinam atenção especial ao Centro de Interpretação do Uso da Terra (CLUI). Inaugurado quase 20 anos após a morte de Robert Smithson (1938 - 1973), a instituição foi fundada por Matthew Coolidge³ baseada princípios propostos por Smithson e uma compreensão da paisagem como expressão histórica dos valores humanos. A CLUI tem documentado e interpretado projetos ambientais, cujos dados são disponibilizados à sociedade, sendo uma das fontes sobre o assunto desenvolvido nesta publicação.

Critical Landscapes está dividida em quatro seções: *Contra a abstração do espaço*, *A terra clama: espaço e subjetividade*, *Geografias do capitalismo global* e *Urbanização sem um fora*. Os capítulos compartilham questões semelhantes, como a privatização de espaços públicos, mudanças climáticas antropogênicas, conflitos de fronteiras, movimentos de ocupação e a retórica do desenvolvimento sustentável. Historicamente, os artistas abordados estão localizados em diferentes contextos: enquanto uns negociam o legado da *land art* dos anos 60 e 70, outros o evitam, optando por desenvolver uma pesquisa voltada para disciplinas como geografia ambiental e planejamento

¹ Emily Eliza Scott é pós-doutoranda no Instituto de História e Teoria da Arquitetura do Instituto Federal de Tecnologia da Suíça (ETH Zürich) e membro fundadora dos coletivos de arte *Los Angeles Urban Rangers* e *World of Matter*. Contribuiu na exposição *Ends of the Earth: Art of the Land to 1974* (2012) e no livro *Geohumanities: Art, History, and Text at the Edge of Place* (2011).

² Kirsten Swenson é Professora Assistente de História da Arte na Universidade de Massachusetts, Lowell. Autora de *Irrational Judgments: Eva Hesse, Sol LeWitt, and the 1960s* (2016).

³ É também diretor de projeto, fotógrafo e curador. Autor de *Back to the Bay: An Examination of the Shoreline of the San Francisco Bay Region* (2001) e *The Nevada Test Site: A Guide to America's Nuclear Proving Ground* (1996). Pesquisa assuntos da paisagem contemporânea e é membro do corpo docente do Programa de Prática Curatorial do California College of the Arts.

urbano, ativismo comunitário ou até mesmo em agências oficiais de gerenciamento de terras. Ao final de cada capítulo, estão catalogadas obras que se relacionam com tais problemáticas, com breves descrições e análises críticas.

A primeira parte, *Contra a abstração do espaço*, traz textos de Julian Myers-Szupinska, Trevor Paglen e Sarah Kanouse que elucidam a teoria de Lefebvre, demonstrando sua importância para uma “virada espacial”⁴ na arte desde a década de 1990. Também abordam obras de artistas que buscam engajar participantes em uma experiência direta de locais, para trazer à tona implicações sociais, econômicas e de poder atreladas a esses espaços, nem sempre evidentes. Se tais relações não são expressas, os que povoam ou os que consomem esses espaços, como turistas e visitantes, participam involuntariamente da dinâmica de poder e controlam a forma daquele local. Dentre os artistas examinados, cita-se Ursula Biemann e Francis Alÿs como praticantes da “geografia experimental”, revelando as forças em ação de determinados lugares e o desejo novas formas de ser.

O capítulo seguinte reúne ensaios de Julia Bryan-Wilson e Jeannine Tang que ampliam a noção de espaço, considerado uma trama de relações sociais, políticas e econômicas. Nesta seção, artistas e escritores investigam a paisagem enquanto emblema de identidade nacional, nacional e de gênero. Se é possível destacar um trabalho, entre os onze catalogados, destaca-se a obra de Hiroshi Sunairi, artista *queer* atraído por paisagens radioativas, notando a articulação entre corpo e terra, denunciando a invisível toxicidade da paisagem nuclear.

Na terceira parte, T. J. Demos e Ashley Dawson observam a urgência de se repensar a “violência lenta”. A expressão vem da abordagem de Rob Nixon, em *Slow environmentalism* (2011), estando relacionada aos desastres ambientais e mudanças drásticas nos modos de vida de comunidades indígenas. Esses infortúnios se desdobrariam em escalas, formas e temporalidades difíceis de perceber. Assim, este capítulo atenta para as desigualdades criadas pela globalização, baseada na “acumulação por desapropriação”, que segundo o geógrafo David Harvey, refere-se à uma estrutura baseada na exploração de lugares diversos, como nações africanas e megacidades asiáticas. Diversos temas são tratados, como a negociação de carbono, mineração de metais preciosos, condições de trabalho no sul dos EUA, fronteira entre EUA e México e busca por combustíveis fósseis. Se é possível transpor tais questões para termos estéticos, pode-se observá-las nas obras de Teddy Cruz, Santiago Sierra, Simon Starling, George Osodi, Lize Mogel e Tue Greenfort.

⁴ A “virada espacial” refere-se a um novo modo de se pensar o espaço, após o impacto da obra de Lefebvre, sentido além da geografia. Os autores representantes seriam Martha Rosler (*In the place of the public*, 1994), Rosalyn Deutsche (*Evictions*, 1996), Miwon Kwon (*One place after another: notes on site specificity*, 1997) e Anthony Vidler (*Warped space*, 2000).

Os ensaios na última seção, *Urbanização sem um fora*, versam sobre a quebra de categorias espaciais: urbanização, fronteira, cidade *versus* campo, urbano *versus* rural, núcleo *versus* periferia, metrópole *versus* colônia, sociedade e natureza, e finalmente, paisagem. A constatação desta ruptura aparece nos textos de Janet Kraynak e Ying Zhou, sentida como uma consequência da mudança do significado de espaço e tempo, “Os lugares não estão mais “distantes”. (p.168). As reflexões documentam a produção de espaço no âmbito da economia global a partir dos anos 2000, como o fenômeno da gentrificação, o aumento do deslocamento de populações e o turismo predatório.

Critical Landscapes conta com textos que são base para compreender o espaço produzido na contemporaneidade, o laboratório dos artistas praticantes da geografia experimental. De caráter transdisciplinar, as reflexões trazem contribuições da história da arte, geografia cultural, arquitetura e planejamento urbano, história ambiental e estudos da paisagem. Menos que delimitar a colaboração de cada disciplina, a abordagem desenvolvida se concentra em compreender os espaços das paisagens não apenas como espaços físicos, mas como campo de conhecimento.

Referência

SCOTT, Emily Eliza; SWENSON, Kirsten. *Critical Landscapes: art, space and politics*. California: University of California Press, 2015, 272 p.